

O OLHAR DE DAMIÃO: uma leitura da paisagem na obra “Os Tambores de São Luís”

THE DAMIÃO LOOK: a reading of the landscape in the work “Os Tambores de São Luís”

LA MIRADA DE DAMIÃO: una lectura del paisaje en la obra “Os Tambores de São Luís”

Mozart de Sá Tavares Júnior

Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Membro do NEGÓ - Núcleo de Estudos Geográficos (CNPq).
mtavares23@gmail.com

Recebido para avaliação em 24/01/2018; Aprovado para publicação em 28/03/2018.

RESUMO

O artigo que se segue tem como objetivo investigar a categoria Paisagem, mais especialmente trazendo à tona as relações entre Arte e Ciência, ou seja, da Literatura e da Geografia. Para este trabalho ser cumprido utilizei o romance de Josué Montello, *Os Tambores de São Luís*, como base fundamental. Levando em consideração o apreço do escritor por São Luís, trouxe o personagem Damião para cá, com a expectativa de representar seus sentimentos, experiências e memórias, como forma de representação simbólicas da categoria acima citada. Este trabalho só pode ser realizado muito em função dos teóricos da Geografia Humanista, que deram uma luz nas interpretações de categorias geográficas.

Palavras-chave: Paisagem; Literatura; Geografia Humanista; Josué Montello.

ABSTRACT

The following article aims to investigate the Landscape category, more especially bringing to the fore the relations between Art and Science, that is, Literature and Geography. For this work to be fulfilled I used the novel by Josué Montello, *Os Tambores de São Luís*, as a fundamental basis. Taking into account the writer's appreciation for São Luís, he brought the character Damião here with the expectation of representing his feelings, experiences and memories, as a symbolic representation of the category mentioned above. This work can only be done very much according to the theorists of Humanist Geography, who have shed light on the interpretations of geographic categories.

Keywords: Landscape; Literature; Humanist Geography; Josué Montello.

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo investigar la categoría Paisaje, más especialmente trayendo a la luz las relaciones entre Arte y Ciencia, es decir, entre la Literatura y la Geografía. Para este trabajo se utilizó como base fundamental la novela de Josué Montello, *Os Tambores de São Luís*. Poniendo en consideración el aprecio del escritor por São Luís, presenta al personaje Damião, com la expectativa de representar sus sentimientos, experiencias y memorias, como forma de representación simbólica de las categorías citadas arriba. Este trabalho sólo puede ser analizado en el marco de las teorías de la Geografía Humanista, que da el sustento a la interpretación de las categorías geográficas indagadas.

Palabras clave: Paisaje; Literatura; Geografía Humanista; Josué Montello.

UMA BREVE INTRODUÇÃO DA VIDA E OBRA DE JOSUÉ MONTELLO

Josué Montello, jornalista, professor, romancista, cronista, ensaísta, historiador, orador, teatrólogo e memorialista, nasceu em São Luís do Maranhão a 21 de agosto de 1917, onde viveu sua infância e juventude. Em 1936, mudou-se para Belém, dali saindo com destino ao Rio de Janeiro, em dezembro do mesmo ano. Filho de Antônio Bernardo Montello e de Mância de Souza Montello. Leitor compulsivo, Montello sempre fez questão ler e reler, tantos autores clássicos como contemporâneos, passando por Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Eça de Queiroz e indo muito para autores franceses como Balzac, Proust, Stendhal, Anatole France.

A escolha de Josué Montello e mais particularmente do seu romance *Os Tambores de São Luís* tem a ver com o fato de que Montello sempre teve como pano de fundo a cidade, seja ela ficcional ou real, e, além disso, sua relação afetuosa com a cidade de São Luís, a qual apresenta-se fortemente em sua ficção e nos seus diários, repletos de relatos onde São Luís é parte fundamental da construção do sujeito escritor e do sujeito humano, que para Montello, é indissociável, uma vez que o escritor e sujeito, trabalham numa relação de cumplicidade.

Desses 26 romances escritos ao longo dos anos, 14 tem como pano de fundo a cidade de São Luís, sua grande e definitivamente principal inspiração, dentre esses - *Os tambores de São Luís* (1975) - desponta como sua principal obra romanesca e é tida em unanimidade, entre os críticos, como sua obra-prima, ganhando, inclusive, o prêmio de melhor romance de 1953 pela Academia Brasileira de Letras.

O romance tem no seu primeiro plano narrativo o percurso que Damião, na faixa dos 80 anos, faz para ir de encontro ao nascimento de seu trineto, trazendo consigo todas as lembranças que aquelas ruas, sobrados e casarões remetem a ele. O segundo plano tem na sua gênese essas lembranças de maneiras bem detalhadas, com todas as personagens envolvidos, situações que perpassam desde sua infância, passando pela juventude, continuando na fase adulta até desembocar na velhice.

E é durante toda essa sua vida que a narrativa se faz presente, trazendo ao leitor tudo que Damião passou, desde a escravidão até sua luta contra a mesma, contendo ali, como uma trama paralela, a vida casual de Damião, onde constam suas descobertas, seus amores, seus amigos e inimigos, suas ideias e suas opiniões, sua vida de professor negro em

um colégio de elite, sua religiosidade, seu ativismo em prol de uma sociedade livre do preconceito e discriminação.

Analisar a ideia de Paisagem em *Os Tambores de São Luís* de Josué Montello, estabelece, deste modo, o objetivo primordial desse artigo, que tem como fundamentação teórica a Geografia Humanista em total e irrestrito diálogo com a literatura do maranhense Josué Montello. Além de mostrar como o homem, no caso o personagem principal Damião, se relaciona de maneira única com a cidade e o que ela tem a oferecer a ele, nos oferece descrições de paisagens únicas a respeito da capital maranhense.

Nesse artigo, busco beber na fonte da interdisciplinaridade, tendo como aparato a junção da Geografia com a Literatura, para compreendermos como a literatura oferece aos geógrafos – ou a qualquer um interessado no tema -, uma visão da paisagem. Cabe destacar aqui dois teóricos, com abordagens distintas, que de uma maneira ou outra, ajudaram a referenciar teoricamente o desenvolvimento deste trabalho: Jean-Marc Besse, filósofo francês, é atualmente o grande divulgador dos estudos sobre a paisagem, suas obras *O gosto do mundo: exercícios de paisagem* e *Ver a terra: Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia* são lidos e estudados por geógrafos, antropólogos, arquitetos, filósofos; e o autor do hoje clássico, *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*, o francês Eric Dardel é o geógrafo que tem sua ligação com a fenomenologia mais intrínseca, enxergando a relação do homem com a terra como algo indissociável.

AS TEIAS DA INTERDISCIPLINARIDADE

“Geografia e Literatura?” “Por quê?” “É possível?” Geralmente são essas as perguntas quando alguém relaciona duas áreas tão distintas uma da outra. É natural que isso ocorra, afinal, geografia é uma ciência e a literatura é arte. Massarani (2006, p. 8) afirma que:

Muitos autores já refletiram sobre as proximidades, as diferenças e as (as) simetrias entre ciência e arte. Tais discussões remontam a Aristóteles, Leonardo da Vinci, William Blake, Johann Wolfgang von Goethe, Vitor Hugo, Hermann von Helmholtz, Thomas Huxley e Werner Heisenberg, entre muitos outros. No século XX, o debate ganhou interesse grande, em particular após a publicação, em 1959, de “As duas culturas”, de Charles P. Snow, que analisou a separação entre artes e humanidades, de um lado, e as ciências, do outro. Vitor Hugo, por exemplo, ressaltava o caráter absoluto da arte e o caráter relativo da ciência.

Os ficcionistas – sejam poetas ou prosadores –, têm o talento para descrever aquilo que não enxergamos, seja um espaço físico, ou uma paisagem, representações do ambiente cultural, ou até da condição humana em função do espaço. Pocock (1984¹, p. 140 apud BROSSEAU, 2007, p. 29-30) diz que:

Tanto a literatura quanto as artes são muito úteis para o geógrafo humanista, como fontes de informação e para melhor compreensão do desenvolvimento ou da aparição de nossa sensibilidade no que diz respeito ao meio ambiente; além disso, elas nos ajudam a colocar ou a confirmar nossas hipóteses de pesquisa.

Além disso, a literatura não se restringe a apenas isso, como Todorov (2009, p. 76-77) confirma:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir; mas por isso é preciso toma-la no sentido amplo e intenso que prevaleceu na Europa até fins do século XIX e que hoje é marginalizado, quando triunfa uma concepção absurdamente reduzida do literário. O leitor comum, que continua a procurar nas obras que lê aquilo que pode dar sentido a sua vida, tem razão contra professores, críticos e escritores que lhe dizem que a literatura só fala de si mesma ou que apenas pode ensinar o desespero. Se esse leitor não tivesse razão, a leitura estaria condenada a desaparecer num curto prazo.

Mas e os geógrafos com a literatura? No Brasil há uma rica tradição literária que envolve em suas tramas diversas opções para o geógrafo desenvolver seu trabalho tendo como base um texto literário, como por exemplo, Graciliano Ramos e seu relato em “Vidas Secas”; Graça Aranha com Canaã; Raquel de Queiroz e sua história sobre a seca em “O Quinze”; Guimarães Rosa e seu inesquecível “Grande Sertão: Veredas”.

Todavia além desses autores, que especificamente tratam sobre um lado físico da geografia, há outros diversos autores brasileiros como podem ser explorados em outros temas caros a geografia, como a cidade. Exemplos: “Memórias Póstumas de Brás Cubas” de Machado de Assis; “A Morte e a Morte de Quincas Berro d'Água” de Jorge Amado, “O Cortiço” de Aluísio Azevedo e mais recente “A Grande Arte” de Rubem Fonseca, considerado o grande romance urbano brasileiro.

¹ POCOCK, Douglas. C. “La géographie humaniste”. In: BAILLY, A. et al. **Les concepts de la géographie humaine**. Paris: Masson, 1984. p. 139-142.

Um geógrafo brasileiro percebeu isso e atentou-se para a questão do uso da literatura para a geografia. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro é um dos principais estudiosos da literatura entre os geógrafos. Graças, em parte, a essa empreitada pioneira no Brasil, que outros geógrafos brasileiros estudam essa relação que hoje enriquece teoricamente a geografia. Conta Monteiro (2002, p. 12) que:

Antes mesmo de minha aposentadoria, na Universidade de São Paulo (1987), já decidira encerrar minhas preocupações de pesquisa no campo da Climatologia e da Qualidade Ambiental, substituindo-os por outros que, embora bem diversos daqueles, estivessem mais ao alcance do meu fôlego e dos meus recursos pessoais.

Surge anos depois uma coletânea fundamental para qualquer interessado na relação da literatura brasileira com a Geografia: “O mapa e a trama: Ensaio sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas”, publicado em 2002, tornando-se rapidamente um clássico dos estudos humanísticos em literatura.

O interesse pela literatura por parte dos geógrafos não é recente, mas também não era algo que mantivesse uma certa tradição no meio acadêmico. Brosseau (2007, p. 17) cita que:

As primeiras manifestações nesse sentido remontariam a 1910, quando o inglês H. R. Mill, em seu manual de livros de geografia, recomendou a leitura de “romances geográficos”. Mas alguns anos antes, Herbertson (1902) e Keating (1902) já sugeriam que os geógrafos, na análise dos lugares, se voltassem para a poesia e para literatura de ficção.

Os geógrafos historicamente e essencialmente têm duas visões de como a literatura pode ser útil a suas necessidades: a) serve como fonte de informações geográficas; b) como necessidade de pôr o homem no centro das necessidades. Claro que não se limita só a esses dois pontos, inclusive pelo fato de tanto quanto a geografia como a literatura terem um leque de opções a serem explorados. Brosseau (2007, p. 36) trata sobre a utilidade da literatura como fonte:

Logo, o que aqui parece implicitamente postulado quanto à utilização do romance é que, em virtude de o romance não recorrer a categorias, conceitos e regras de encadeamento das proposições, como esperamos encontrar no discurso científico, ele nos oferece o espetáculo da paisagem – e as impressões – em toda a sua fresca presença.

Quanto à presença do homem no centro, relegando os dados científicos, o melhor exemplo quem nos dá é Eric Dardel, geógrafo francês que revolucionou – apesar de ser

apenas tardiamente – a geografia humanista com o clássico “O homem e a terra” de 1952, no qual explica o homem como:

Presença, presença insistente, quase inoportuna, sob o jogo alternado das sombras e da luz, a linguagem do geógrafo sem esforço transforma-se na do poeta. Linguagem direta, transparente, que ‘fala’ sem dificuldade à imaginação, bem melhor, sem dúvida, que o discurso ‘objetivo’ do erudito, porque ela transcreve fielmente o ‘texto’ traçado sobre o solo (DARDEL, 2015, p. 3).

Há, porém, uma crítica a essa abordagem. Segundo Ley² (1981, p. 252 apud BROSSEAU, 2007, p. 44),

Resgatando o homem do esquecimento virtual da ciência positivista, os humanistas tenderam a celebrar talvez demasiadamente essa restauração. Como resultado, valores, significados, consciência, criatividade e reflexões podem ter sido supervalorizados, enquanto que contexto, coerção e estratificação social foram poucos considerados.

Santos (1978) ressalta a importância da interdisciplinaridade para tirar a geografia do que ele chama de isolamento. Aqui é só um exemplo – dentre vários que a interdisciplinaridade oferece – de como literatura pode ajudar a geografia a enriquecer epistemologicamente e sem com isso cair numa espécie de pureza, evitando contato com outras disciplinas.

A PAISAGEM MONTELLIANA

Antes de tudo é necessário lembrar que a geografia não detém o monopólio do conceito de paisagem. Esse fato é importante para contextualizar que a geografia bebe em diversas fontes para teorizar a paisagem. Nem mesmo dentro da própria ciência geográfica há um consenso para a definição de paisagem. Historicamente, os geógrafos, dividem a paisagem em dois ramos: o natural e o cultural, isto é, aquele que é “natural” e aquele que já foi de algum modo modificado pela ação do homem. Schier (2003, p. 80) afirma que:

A discussão da paisagem é um tema antigo na geografia. Desde o século XIX, a paisagem vem sendo discutida para se entenderem as relações sociais e naturais em um determinado espaço. Dentro da geografia, a interpretação do que é uma paisagem diverge dentro das múltiplas abordagens geográficas. Observa-se que existem certas tendências “nacionais” mostrando que o entendimento do

² LEY, David. Cultural/humanistic geography. Progress in Human Geography, v.5, n. 2, p. 249-257, June 1981.

conceito depende, em muito, das influências culturais e discursivas entre os geógrafos.

Maria (2011, p. 46-47) amplia a discussão:

A relação entre sociedade e natureza é um tema clássico na geografia trabalhado por inúmeros autores sob diversas abordagens ao longo da sua história (...) Tendo como expoentes Alexander Von Humboldt, Friedrich Ratzel, Paul Vidal de La Blache, Otto Schluter, Siegfried Passarge, Carl O. Sauer, Eric Dardel, Aziz Ab'Saber, Yi-Fu Tuan, Paul Claval, Augustin Berque, Jean-Marc Besse, entre outros.

Diversas outras ciências estudam, analisam e aplicam suas teorias sobre a paisagem, sejam elas, Arquitetura, Ecologia, Filosofia, Sociologia, Antropologia etc., Besse (2014, p. 12) salienta que no mundo contemporâneo, existem cinco possíveis portas da paisagem:

Assim, a paisagem é considerada como *uma representação cultural* (principalmente informada pela pintura), como *um território produzido pelas sociedades na sua história*, como *um complexo sistêmico* articulando os elementos naturais e culturais numa totalidade objetiva, como *um espaço de experiências sensíveis* arreadas às diversas formas possíveis de objetivação, e como, enfim, *um local ou um contexto de projeto*.

Aqui nesse ponto, analisaremos a Paisagem na obra montelliana, de acordo com alguns teóricos que são fundamentais para entender o conceito de paisagem na corrente humanista. E encaro essa leitura com a ajuda de um senhor distinto, conhecedor das ciências, teologia e das letras clássicas que conhece a cidade de São Luís como se ele próprio a tivesse desenhado e construído.

Este senhor, Damião, octogenário, numa noite de 1915, percorrendo as ruas de São Luís, é aquilo que se pode ter como exemplo de como a paisagem está basicamente coberta por suas percepções e suas vivências em função ou sobre ela. As características de que a paisagem não é só aquilo que se vê, mas aquilo que se sente, vive, respira, aquilo que é sensível, é exemplificada por Damião:

Embora só houvesse no céu uma fatia de lua nova, por cima da igreja de São Pantaleão, uma tênue claridade violácea descia sobre a cidade adormecida, com a multidão de estrelas que faiscavam na noite de estio. Em cada esquina, a sentinela de um lampião, com seu bico de gás chiante. Todas as casas fechadas. Perto, para os lados da Rua da Inveja, o apressado rolar de um carro, com o ruído do cavalo a galope nas pedras do calçamento. E sempre o batecum dos tambores, ora fugindo, ora voltando, sem perder a cadência frenética, muito mais ligeira que o retinir das ferraduras. No canto da Rua do Passeio com a Rua do Mocambo, antes de passar para a calçada fronteira, Damião parou um momento, batido em cheio pela claridade do gás. E lá se foi, Rua do Mocambo abaixo, a enfiar o papelucho por baixo das portas, sem ruído, apenas roçando o chão da calçada com seu passo macio (MONTELLO, 2005, p. 16-17).

Ora, vivendo mais da metade de sua vida na cidade de São Luís, é natural que ele conheça a cidade na palma da mão, isso resulta de que ele não só residia na cidade, mas vivia, no melhor sentido que a palavra viver possa ter, e com isso ele relembra com prazer cada canto e cada memória que ela representa, e que, além disso, resulta numa construção do próprio Damião, em conjunto com que a paisagem de São Luís remete a ele em diversos níveis de sua existência:

Antes que ele desaparecesse, sempre a enfiar o impresso por baixo das portas, Damião mudou de calçada, ainda ouvindo o batecum dos tambores. Para trás, em linha reta, ficava o Cemitério do Gavião, com o Padre Policarpo, a Genoveva Pia, a Aparecida, o Dr. Celso de Magalhães, a Dona Bembém, a Dona Páscoa, a Dona Caiu, o amigo Barão, cada qual no seu jazigo ou na sua cova rasa, na santa paz do Senhor. À frente, era o Largo do Quartel; em seguida, torcendo para a direita, a Rua das Hortas, o Largo da Cadeia, a Praia do Jenipapeiro e por fim a Gamboa, com a casa de sua bisneta, num cômodo verde que escorregava para o mar (MONTELLO, 2005, p. 18).

A paisagem é a manifestação sensível de cada um, ela pode representar ou mesmo ser compreendida de acordo com aquilo que queremos enxergar nela, e talvez por isso, algumas pessoas buscam em outras paisagens – tanto artificiais, quanto naturais -, algum tipo de fuga para aquilo que não gostam. No caso de Damião, isso acontece em dois níveis, tanto aquilo que o atrai, quanto aquilo que traz para ele o sentimento de distanciamento. Besse (2014, p. 30) acredita que: “É verdade que a paisagem também é uma maneira de ver e imaginar o mundo. Mas é *primeiramente* uma realidade objetiva, material, produzida pelos homens”.

A Rua do Passeio, longa, retilínea, parecia não ter fim. Casas de azulejos de um lado e de outro, com grades de ferro rendilhadas, vidros coloridos no leque das janelas, um ou outro portal de pedra. Sem relógio para ver as horas (o seu andava na loja do Maneco Ourives, para limpeza geral da máquina, já fazia uma semana), era debalde que Damião consultava de vez em quando a posição da lua, que ora se escondia por trás dos mirantes mais altos, ora repontava adiante, curva e pontuda como um chavelho de bumba-meu-boi entrando no terreiro (MONTELLO, 2005, p. 20).

A memória é uma grande aliada quando se trata de paisagem, ela guarda em si, aquilo que os olhos veem, aquilo que é perceptível, um elo entre o sujeito e a paisagem. Damião retornando à fazenda onde fora escravo do nascimento aos nove anos, relembra com nitidez aquilo que lhe marcou de forma indelével:

À medida que se iam aproximando da fazenda, Damião só fazia confrontar o que via com o que tinha na lembrança. Embora houvesse passado por ali já fazia nove anos, recordava-se de tudo, até mesmo da floração dos ipês na revolta dos

atalhos. Antes de ver a cascatinha, que se precipita do viso de rochas escalavradas, reviu-a na sua memória, assim que lhe ouviu o ruído da queda, adiante de um pontilhão, com efeito, nada mudara, inclusive a poeira de espuma, com um halo de arco-íris, que se ergue da base da cachoeira, no trecho em que o fio d'água desliza, buscando o caminho do mar (MONTELLLO, 2005, p. 48).

Mas a memória como é algo inerente ao sujeito, também vem trazendo consigo a dor de ser escravo, a dor de viver cativo num lugar onde não é seu, convivendo com uma paisagem, ora acolhedora, ora aterrorizante e Damião sente isso, trazendo consigo, uma relação paisagística ligada diretamente com a terra, fazendo com que Damião não se esqueça da sua condição, porque aquela paisagem está abrangida nele:

Mas, quando tornou a ver a casa-grande, precedida da orla de palmeiras, acima de uma rampa suave calçada de pedras, não pôde deixar de emocionar-se. Lá adiante, alongava-se a senzala, coberta de telha, com seu beiral saliente. Entre a casagrande e a senzala, destacava-se o telheiro que cobria o imenso tanque todo de pedra, e que um dos escravos tinha de encher, todas as manhãs, com a água trazida da lagoa (MONTELLLO, 2005, p. 49).

Hoje parece superada a questão do dualismo entre homem/natureza, ou ao menos o debate tem avançado nesse sentido de superação desse paradigma. Besse (2014, p. 41) fala em: “Para pensar a paisagem, recorre-se hoje às noções de hibridação e de associação do humano. (...) A paisagem é *ao mesmo tempo*, e essencialmente, totalmente natural e totalmente cultural”.

A paisagem de certa forma não termina quando as informações visuais delas nos chegam, ela sempre vai ter um outro olhar, um olhar subjetivo, onde o homem com suas experiências e percepções vai alterá-la e compô-la da melhor maneira possível, ou seja, vai além do simples olhar. Dardel (2015, p. 33) afirma que: “Há, na paisagem, uma fisionomia, um olhar, uma escuta como uma expectativa ou lembrança. [...] porque é concreta e atualiza o próprio homem em sua existência e porque nela o homem se supera e evade”.

Depois de levar o cigarro ao canto da boca, espraçou o olhar pela imensidão do largo, rodeado de casas fechadas, sem valmalma. De um lado a outro, a massa compacta do prédio acachapado do Quartel do 5.º Batalhão de Infantaria, com o soldado de sentinela quase oculto pela pilastra. Longe, no começo da Rua dos Remédios, a igreja de Santaninha, caiada de novo. Conhecerá aquela praça, já fazia mais de sessenta anos, quando ali ainda existia um bonito chafariz da Companhia das Águas. Que fim teria levado o presépio campal do Tomás Rosas, armado também ali no começo do século? O que se via agora eram as árvores plantadas pelo Mariano Lisboa, e os canteiros floridos, e os bancos de ferro, e os lampiões de gás. Dava gosto sentar naqueles bancos, horas inteiras, nas noites de luar (MONTELLLO, 2005, p. 158).

Indo para São Luís depois de ser alforriado, Damião se deslumbra com a paisagem que encontra pela frente, uma paisagem que jamais esquecerá, pois, além de ter o significado do encontro com o desconhecido, tem a presença do componente da liberdade, já que agora não é mais cativo. Os valores atribuídos, nessa primeira visão, encontram-se com uma paisagem já arraigada nele; aquela paisagem que o lembra de momentos do cativo e, com isso, há uma hibridação entre o vivido na fazenda, no cativo e o novo, em São Luís, livre:

Passara dois dias a bordo de um barco e não se cansara de contemplar o mar imenso, a perder de vista, muito verde aqui, azul lá longe, e que parecia um ser vivo, que se movia e arquejava. (...) Depois, na luz sanguínea da alvorada, ao lado do Chico Benedito, que lhe ia explicando tudo, assistira à gradativa aparição de São Luís, meio escondida numa névoa violácea, depois mais nítida, com seu casario equilibrado no flanco das ladeiras, as janelas escancaradas para a claridade matutina.

Quando pisara na Rampa de Palácio, quase caíra, não sabendo como dividir a atenção - entre os pés, que pisavam as pedras do calçamento, e os olhos, que tudo queriam ver, ladeira acima. Instintivamente segurara o braço do companheiro, em busca de apoio. E só lá no alto, já no Largo do Palácio, tinha-se desprendido do Chico Benedito (MONTELLLO, 2005, p. 163).

Acostumado com a paisagem da fazenda, onde basicamente ela não se alterava, só quando chovia e o rio alagava, de certa forma a paisagem está envolvida na vida social e de alguma maneira a vida social também está envolvida na paisagem. Com isso uma mudança brusca de paisagem, como aconteceu com Damião, ele vai se acostumando com a nova vida em São Luís, levando ainda mais ao deslumbramento já experimentado na chegada e trazendo para si, um novo envolvimento com ela:

Ainda bem que, não estando o Bispo no Paço pela manhã, tivera tempo de dar um giro pelos arredores, levado ainda pelo companheiro, e assim começara a familiarizar-se com a vida da cidade - o ruído das ruas, as carroças, as pipas de água, as carruagens, os pregões dos vendedores ambulantes, os sobrados rente às calçadas, os mirantes, as lojas, as pessoas debruçadas nas janelas, e tudo o deslumbrara (MONTELLLO, 2005, p. 164).

Corrêa (2003, p. 179) afirma que: “A paisagem urbana permite múltiplas leituras a partir de diversos contextos”. Na mesma linha de raciocínio, Dardel (2015, p. 31) trata a paisagem como “um escape para toda a Terra, uma janela sobre as possibilidades ilimitadas: um horizonte. Não uma linha fixa, mas um movimento, um impulso”.

Damião ainda sobre o impacto que São Luís causa e continuará causando pelo restante da vida, se deixa levar pelo encanto que a paisagem causa nele. Este deslumbre só é causado na medida em que é sentida, experimentada, vivida. Besse (2014, p. 47) lembra

que: “[...] a paisagem pode, então, ser compreendida e definida como o *acontecimento* do *encontro concreto* entre o homem e o mundo que o cerca. A paisagem nesse caso é uma experiência”.

Lá no alto, derramando o olhar pela cidade, Damião pôs-se a rir, não sabendo para que lado se voltar. Olhava os telhados, os mirantes, as casas, as ruas, o mar, o cais, as igrejas, até onde a vista podia alcançar, e escancarava mais os dentes, com os olhos crescidos, querendo ver mais, sempre mais, através das quatro aberturas da torre. Chegava a supor que poderia passar ali dias e dias, só olhando a cidade. E dali só desceu quando a tarde começava a declinar.

Daí em diante, sempre que tinha tempo disponível, e sem prejuízo de seus estudos, subia ao campanário, e lá ficava, como esquecido das horas, a admirar a cidade, mesmo nos dias de chuva e ventania. [...] E era como se continuasse a ver São Luís em toda volta do horizonte, desde a Praia Grande ao Largo dos Amores, e ainda a baía ampla, pontilhada de barcos e igarités de pesca, e tudo lhe parecia de uma beleza incomparável, sobretudo ao pôr-do-sol (MONTELLO, 2005, p. 188).

Essa paisagem remete somente ao homem, que é dotado de uma percepção de pertencimento no mundo e, portanto, há uma troca entre estar e ser, aquilo que já foi dito sobre uma hibridização entre o homem e mundo. A experiência do vivido continua sendo a porta principal para esse acontecimento. As ruas de São Luís é um fator essencial na construção do romance de Josué Montello, elas não somente servem para deslocamento ou para cortar as avenidas e casas, elas são parte fundamental para a cidade, que sem elas não haveria seus encantos e segredos. Damião, apaixonada por São Luís, trata a rua como se fosse sua, como se fosse algo feito para ele. Dardel (2015, p. 16) afirma que “a cidade, como realidade geográfica é a *rua*. A rua como centro e quadra da vida cotidiana, onde o homem é passante, habitante, artesão”.

Na tarde fosca, com o sol querendo abrir, disse este a Damião, travando-lhe o braço, ainda na calçada da Sé: - O mais importante de São Luís tu já conheces: é a vista da cidade, do alto do campanário. Quanto ao mais, quem vê uma rua vê as outras: todas se parecem, com casas de um lado e casas do outro. [...] Mas a verdade é que, embora Damião já conhecesse a cidade pelos seus telhados e horizontes, sentia uma curiosidade mais viva para olhá-la de perto. Tinha na memória todos os seus bairros e muitos nomes de ruas, e perguntava a si mesmo, nos seus momentos de devaneio, como seriam o Largo do Carmo, a Madre Deus, o Pertinho, o Largo dos Amores, o Largo do Quartel, a Rua do Sol, o Largo de Santo Antônio, a Rua Formosa, a Rua de São Pantaleão, a Gamboa, a Rua da Paz... (MONTELLO, 2005, p. 205).

A presença da paisagem não é apenas vista, mas experimentada por todos os sentidos, inclusive o da memória. Besse (2014, p. 47) lembra que “a paisagem é primeiramente vivenciada e depois, talvez, falada, a palavra buscando, sobretudo aqui, prolongar a vida, ou melhor, o vivo que faz da paisagem uma experiência”. Nesse ponto, Damião vê uma paisagem e remete aos tempos anteriores, aquilo que sua experiência de

vida, e que o faz lembrar de si mesmo, naquilo que onde valores subjetivos podem e normalmente são maiores que os valores objetivos, ou valores materiais:

Era a primeira vez que Damião ia para aqueles lados. Conhecia mais a outra parte da cidade, nas idas e vindas entre o Seminário e o Palácio do Bispo. E a verdade é que esse outro lado mais rústico, com sabor de arrabalde, afinava melhor com a sua natureza. De narinas dilatadas, recolhia o cheiro forte de um estábulo vizinho, e foi no quilombo de seu pai que repentinamente se reviu - o luar sobre os casebres de palha, a capelinha voltada para o lago pontilhado de garças, o Barão a contar as proezas do negro Cosme Bento das Chagas, Imperador e Tutor das Liberdades Bem-te-vis, e a figura esguia de seu pai, elegante como um pé de eucalipto, a despontar ao fim da rua, sempre de cabeça levantada (MONTELLO, 2005, p. 278).

Damião que nos guiou nessa empreitada pelas paisagens de São Luís é enfático ao demonstrar em suas recordações que a paisagem só existe se for em consonância com o que ele está vivendo ou experimentando, é algo intrínseco ao que ele vive e é resultado do que viveu em todo sua saga. As paisagens que se oferecem para ele são contínuas e, portanto, serão experimentadas por àqueles que as descobrirão de imediato pelas ruas de São Luís.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um grande desafio encarar “Os Tambores de São Luís” como base para uma produção acadêmica por diversas razões, mas acredito que duas foram as mais desafiadoras: o tamanho do livro, com seus personagens, suas tramas e tudo que uma obra-prima pode oferecer ao leitor. E, depois, o fato de Josué Montello praticamente transpor a cidade para o livro de maneira que definitivamente nos sentimos nos lugares por ele descritos e fazemos parte das paisagens oferecidas tão ricamente a nós.

Trazer a literatura para o campo da geografia – ou vice-versa, dependendo do ângulo da sua leitura –, é enriquecedor, pois mostra como a interdisciplinaridade é importante quando se pode ter essa oportunidade, usando o melhor da ciência com o melhor da arte, e assim contribuir teoricamente para a geografia mais um campo de investigação, em que o homem é parte direta no espaço, não tendo um papel secundário nos estudos socioespaciais, e o papel fundamental da corrente humanista acredito que seja justamente esse: a volta do homem na relação com o espaço.

A paisagem, vista na lente teórica da Geografia Humanista, foi explorada através da obra romanesca, abrindo possibilidades para o entendimento dessa categoria, buscando um novo olhar através de uma obra ficcional. E o romance de Josué Montello tem essa

peculiaridade, pois, além de ser rico em descrições de São Luís, coloca Damião no centro das paisagens e não somente ele, mas diversos personagens que interagem de maneira direta, seja ela, física, sensorial, perceptiva ou até evocando suas memórias.

Assim encerro este artigo: deixando as janelas e portas dos sobrados de São Luís para novas paisagens...

REFERÊNCIAS

BESSE, J. M. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. 224 p.

BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL R. (Org.) **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2007. p. 17-77

CORRÊA, R. L. A Geografia Cultural e o Urbano. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003. p. 167-186.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: perspectiva, 2011.

MARIA, Y. L. **Paisagem: entre o sensível e o factual. Uma abordagem a partir da geografia cultural**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/D.8.2011.tde-06072011-125730>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

MASSARANI, L.; MOREIRA, I. C; ALMEIDA, C. Para que um diálogo entre ciência e arte?. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 7-10, out. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702006000500001>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

MONTEIRO, Carlos Augusto F. **O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

MONTELLO, Josué. **Os Tambores de São Luís**. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

POCOCK, Douglas. C. “La géographie humaniste”. In: BAILLY, A. et al. **Les concepts de la géographie humaine**. Paris: Masson, 1984. p. 139- 142.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia uma geografia crítica**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SCHIER, R.A. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. **RA'E GA**, Curitiba, n. 7, p.79-85, 2003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/raega.v7i0.3353>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.